

P. JOSÉ TISSOT,
Missionário de S. Francisco de Sales

Arte de Aproveitar-se das Próprias Faltas

SEGUNDO S. FRANCISCO DE SALES

*"Misericórdias Domini in
aeternum cantabo!" (Sl 88)*

5ª EDIÇÃO



EDITORA VOZES LIMITADA.
PETRÓPOLIS, RJ.

1964

I M P R I M A T U R

POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,
BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI WALTER WARNKE, O.F.M.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

INTRODUÇÃO

No pátio de uma fábrica de explosivos, na Europa, ergue-se um monumento de bellissima alegoria. Uma mulher, empunhando um facho de luz, simbolo da intelligência, subjuga a seus pés um dragão enfurecido. Entre os espasmos da morte, o dragão es-carva na terra os dizeres: "Vitória do espirito humano sobre as forças da natureza". Elas, que tantas vezes hostilizam o homem, são dominadas pela acuidade do nosso espirito e tornam-se valiosos fatores das audaciosas invenções humanas.

O mesmo se dá com a nossa vida interior. Nossas próprias paixões, as energias ético-dinâmicas do homem, quando revôltas, devastam e aniquilam o jardim de nossa alma, mas quando contidas por mão forte e prudente, arrebatam nosso espirito às alturas da perfeição moral."

"Sabemos que tôdas as coisas redundam em bem aos que amam a Deus" (Rom 2,28). Frase esta de S. Paulo Apóstolo ainda confirmada pelas palavras de Nosso Senhor à sua serva Benigna Consolata: "Tudo contribui para o progresso de uma alma; tudo, até mesmo as próprias imperfeições, em minhas mãos, são como outras tantas pedras preciosas, porque as transformo em atos de humildade que inspiro à alma... Se pudessem os obreiros converter o entulho e os retalhos em materiais, quão felizes seriam! Pode-o a alma fiel ao meu auxílio divino; até os crimes mais vergonhosos, uma vez sinceramente detestados, se tornam pedras fundamentais no edificio de sua perfeição".

E ainda esta bellissima comparação: "Como o fogo se alimenta do combustível, assim as misérias dos homens fazem levantar-se grandemente as chamas do meu amor misericordioso, e quanto

maior a miséria, tanto mais alta a chama, à semelhança do fogo que tanto mais arde, quanto mais combustível nêle se atira...".

Conduzidos pela mão segura de S. Francisco de Sales, aprenderemos a converter em proveito espiritual os nossos próprios desacertos, proveito êsse que não nos advém dos pecados considerados em si, mas, sim, da misericórdia divina e da graça de Cristo que, servindo-se das nossas iniquidades, sabe fazer refulgir a sua bondade e das nossas fraquezas tirar vantagens para a nossa salvação.

Entre as flôres que matizam em tôda a abundância o jardim dêste grande e amabilíssimo diretor das almas, não pôde o autor do presente livrinho fazer escolha mais apropriada às necessidades cotidianas de todos quantos querem sinceramente amar e servir a Deus.

Houvemos por bem fazer uma adaptação bastante livre, já para eliminar algumas citações idênticas repetidas no decurso do livro, já para desenvolver e frisar aqui e ali, à mão de alguns autores modernos, a sua idéia fundamental.

O TRADUTOR

PARTE I

CONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

CAPÍTULO I

NÃO NOS ADMIREMOS DAS NOSSAS IMPERFEIÇÕES

1. *Misérias humanas.* — Nunca o homem decaído se pôde habituar à sua miséria; e isso, que sobremodo o honra, constitui, ao mesmo tempo, o seu tormento. Príncipe esbulhado do seu poder e derrubado da sua posição pela queda dos seus primeiros pais, conserva, todavia, no mais fundo do coração, o sentimento da sua nobreza de origem e da inocência que devia ser o seu apnágio. De cada vez que cai reprime a custo uma exclamação de surpresa como se lhe houvesse sobrevindo um acidente extraordinário.

Dir-se-ia Sansão, privado da sua fôrça pela mão pérfida que lhe cortara os cabelos. "Surge! — bradam-lhe — os filisteus estão aí!" E êle se ergue, imaginando, como dantes, encher de terror os seus inimigos, sem se lembrar que o vigor doutrora o havia abandonado (Juiz 16,20).

Por mais nobres que sejam em nós as raízes desta disposição, são funestos demais os seus frutos para não os detestarmos. O desânimo leva as almas à perdição, vê-lo-emos em breve; e êsse desânimo as invade pelo espanto que se segue à queda e lhe abre caminho. Contra êste grande perigo S. Francisco de Sales vai acautelar-nos.

A exemplo dos mais eminentes doutôres e dos sábios mais illustre, o santo bispo manifestou sempre extrema compaixão pela fraqueza do homem. "O' miséria humana! miséria humana!" dizia êle a cada passo... Oh, quão frágeis somos!... Que podemos fazer por nós mesmos senão cair continuamente em faltas?"

Sente-se, em tôdas as suas palavras e escritos, que a alta perfeição a que se havia elevado lhe dera a faculdade de imergir um olhar profundo no abismo de misérias e fraquezas, cavado em nós pelo pecado original. Na direção das almas computava sempre, e em mui larga medida, a nossa condição de filhos do pecado, que não cessava de recordar às suas ovelhas. "Viveis, escrevia êle a uma senhora, viveis, dizeis-me vós, sujeita a mil imperfeições. E' verdade, minha boa irmã; mas não vos esforçais de hora em hora por fazê-las morrer em vós? Certíssimo é que, enquanto andamos neste mundo, envolvidos neste corpo tão pesado e corruptível, sempre em nós alguma coisa, um não sei quê nos falta".²

"Queixais-vos, dizia êle algures, de em vossa vida terdes muitas imperfeições e defeitos, a despeito do vosso desejo da perfeição e da pureza do amor de nosso Deus. Eu vos respondo que não podemos abandonar de todo a nós mesmos, enquanto cá vivemos. Temos de nos suportar sempre a nós próprios, até que Deus nos leve ao Céu; e enquanto assim fazemos, não cuidemos que transportamos coisa que valha..."³

"Em regra geral, ninguém será tão santo nesta vida que não esteja sujeito a não cometer alguma imperfeição".⁴

2. *Nossa fragilidade.* — Sem um privilégio especial, impossível nos é evitar todos os pecados veniais. Com efeito ensina-nos a fé que ao menos em germe ficam em nós até a morte as más inclinações, e que ninguém pode, sem privilégio especial, tal como a Igreja o reconhece na

Virgem Maria, evitar todos os pecados veniais, pelo menos os que não são deliberados. Esquecemos muitas vêzes na prática esta dupla tese; vejamo-la desenvolvida pelo nosso Santo na sua linguagem simples e inimitável:

"Não pensemos em viver neste mundo sem imperfeições... Quer sejamos superiores, quer subordinados, somos sempre homens e, por conseguinte, todos temos de aceitar como certíssima esta verdade para não nos admirarmos das nossas imperfeições. Mandou-nos Nosso Senhor que disséssemos todos os dias estas palavras, que são do Pai-Nosso: "perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores". Não há exceção alguma neste mandamento, porque todos temos necessidade de o cumprir."

"O amor-próprio poderá estar em nós mortificado; morto, porém, nunca estará; de tempos a tempos, em ocasiões diferentes, há de lançar renovos, mostrando que, se foi cortado pelo pé, não lhe foram arrancadas as raízes... Por forma alguma não nos devemos admirar por não sentir o amor-próprio dar sinais de vida. Dorme às vêzes como uma rapôsa; depois, dum salto, se atira sobre as galinhas. É, pois, mister velarmos constantemente sobre êle e defendermo-nos com paciência e mansidão. Se às vêzes desdizemos o que o amor-próprio nos fez dizer, ou desfazemos o que nos induziu a fazermos, sinal é de que estamos curados... mas por algum tempo somente, até que venham à supuração novas enfermidades, porque nunca estaremos perfeitamente curados senão quando estivermos no Paraíso... e nesta vida, por muito boa que seja a nossa vontade, não há remédio senão ter paciência de sermos homens, e não anjos"⁵ e nos resolvermos a viver, no dizer dum illustre asceta, como uns incuráveis de espírito.

3. *Misterioso recinto da alma humana.* — A nossa alma é como que um misterioso recinto fechado, com-

parável, não raras vêzes, a uma sala às escuras, cheia de pó e de desordem. Pessoas há, infelizmente, dignas de lástima por sua cegueira, que anos inteiros não iluminam nem expurgam o interior da sua casa espiritual, sob pretêxto de que nada há que limpar.

Será possível que uma sala com quatro janelas sempre escancaradas, e uma porta muito veleira por onde passam diàriamente centenas e centenas de hóspedes — será possível que se conserve livre de qualquer poeira e lódo?

Esta sala é a nossa alma, é a alma de todo homem que trilhar as estradas barrentas dêste mundo. Quatro janelas tem êste recinto: duas na frente — que são os olhos, e duas aos lados — os ouvidos; além disso, uma porta que é a bôca. Pelas janelas dos olhos e ouvidos entram todos os dias centenas, às vêzes milhares de fregueses, quer dizer: impressões variadíssimas, que dão origem a fantasias, pensamentos e desejos de tôda sorte, ao passo que pela bôca saem numerosas palavras e conversas. Além disso, todo o nosso corpo, dos pés à cabeça, é como que uma rêde telegráfica indizivelmente ramificada, e em contacto permanente com o mundo exterior: desde pela manhã até à noite, não cessam os nervos de transmitir impressões as mais variadas — e tudo isso se introduz nos penetrais da alma; e lá dentro é um incessante vaivém, um movimento tumultuoso, um contínuo entrar e sair de hóspedes e visitantes, de idéias sem conta, desde que abrimos os olhos para os labôres do dia, até que os fechamos para o descanso noturno.

Será possível que uma casa, assim tão freqüentada como a nossa alma, se conserve inteiramente limpa? sem que se lhe apeguem ao menos uns resquícios de pó? uns grãozinhos de areia arrastados pelos que entram? e levando ainda em conta a nossa pouca vigilância?

Isso num único dia...

4. *E os Santos?* — Lemos nas vidas dos Santos que êles se consideravam como grandes pecadores. Alguns não acabavam de compreender como Deus os deixava viver neste mundo; como lhes concedia a luz do sol e os bens da terra. Entre êles alguns havia que costumavam firmar as suas cartas com a assinatura: "Fulano, o pecador". S. João Batista, intimado a batizar a Jesus, disse que nem era digno de lhe desatar as correias dos sapatos. Por outro lado, há tantos homens mundanos que se julgam isentos de tôda culpa e imperfeição moral.

Donde esta diferença? Será que os Santos eram de fato tão grandes pecadores, e que certas outras pessoas se dizem prodígios de virtude e santidade?

Reparemos o que acontece quando uma réstia de sol penetra num quarto escuro, formando uma faixa luminosa no ar. E' interessante observar como neste traço de luz volita uma infinidade de átomos de pó, subindo, descendo, girando, redemoinhando, enovelando-se de mil maneiras com o discreto perpassar das aragens. Apaga-se o raio solar — e tudo desapareceu! Já não se vê nem um só destes grânulos de poeira. Aonde foram? Não existem mais? Certo que sim; ainda se acham suspensos no ambiente como antes; mas, com a extinção da luz, tornaram-se invisíveis.

E' fácil atinar com o sentido da comparação.

Êste último estado corresponde ao da alma que se julga isenta de faltas, quando de fato as faltas aí estão, embora invisíveis, devido à ausência de luzes celestes, à falta de conhecimento próprio. O pecador não gosta de olhar para o interior da sua consciência, com mêdo de encontrar o que possa melindrar o seu amor-próprio e a vã complacência das supostas virtudes.

A alma do Santo, ao invés disso, é como um templo arraiado de luz, iluminado pelo facho da atenta reflexão sôbre si mesma, e pelos raios vindos de cima. Não

que êle tenha mais pecados do que o mundano. A diferença está em que tem luz mais abundante e o olhar mais afeito a descobrir os *argueiros* das imperfeições de cada dia, ao passo que o profano nem dá pelas *trancas* de faltas gravíssimas.

Não é, pois, nada estranhável o estarmos cheios de defeitos, desde que os tinham também os próprios Santos. No entanto, nêles se observava uma nota característica e essencial; muito embora enxergassem em suas almas inundadas de luz celestial os numerosos e até os menores resquíços de pó, êles não se admiravam e não desanimavam. À força dum trabalho contínuo, sereno, permanente procuravam limpar-se de tôdas as manchas e ainda dos grãozinhos miúdos de areia e de pó. Pediam a Deus constantemente lhes desvendasse os próprios defeitos para se emendarem e se humilharem. E de fato, ao dar-nos Deus a conhecer as nossas faltas, já significa uma graça bem importante. E Deus no-la dá não a fim de nos exacerbarmos e amofinarmos, mas para que reconheçamos humildemente a nossa extrema fraqueza, a nossa mísera condição e, dominados de uma grande e imperturbável confiança e calma, trabalhemos em nosso constante aperfeiçoamento, tarefa para muitos anos.

5. *Os progressos lentos e interceptados de quedas.* — Sobretudo às almas, que principiam a dar os primeiros passos no caminho do aperfeiçoamento interior, S. Francisco de Sales se esforça por inculcar o conhecimento prático da fraqueza humana. São estas, com efeito, que, cometidas as faltas, a inexperiência torna mais acessíveis ao espanto e às suas funestas conseqüências. “Perturbar-se e desalentar-se ao cair em pecado — diz muito bem o piedoso autor acima mencionado — não é saber conhecer-se”.

Vejamos a delicadeza e a graça com que o nosso santo doutor repreende e instrui estas almas:

“Dizeis-me que sois ainda muito sensível às injúrias que vos fazem. Mas, minha querida filha, a que se refere êste *ainda*? Já a muitos dêstes inimigos vencestes e prostrastes? E’ impossível que tão cedo sejais senhora de vossa alma e a governeis dum modo tão absoluto. Contentai-vos ganhando de tempos a tempos alguma pequena superioridade sôbre o vosso inimigo. A imperfeição há de acompanhar-nos até à sepultura. Não podemos andar sem tocar na terra. O que não devemos fazer é deitar-nos nela e retouçar-nos na lama; mas nem pensemos em voar, porquanto, pintainhos que somos e tão pequenos, ainda não temos asas”.

Foi S. Paulo purificado num só instante, como o foram também S. Madalena, S. Catarina de Gênova, S. Pelágia e outros mais. Mas uma transformação tão repentina é, na ordem da graça, milagre tão grande e extraordinário como é, na ordem da natureza, a ressurreição dum morto; a tanto não devemos pretender. A purificação ordinária, tanto do corpo como do espírito, só se faz pouco a pouco, a custo e com vagar... A alma, que do pecado remonta à vida devota, se assemelha à alva do dia que, ao despontar, não expulsa as trevas dum jato, mas aos poucos, gradativamente. Diz o aforismo que a cura, feita devagar, sempre é mais segura. As doenças do coração, tanto como as do corpo, vêm a galope e em corrida de postilhão, mas vão-se a pé e a passo lento”.

Ê, pois, preciso ter paciência e não pensar em curar num só dia tantos hábitos maus, que contraímos pelo pouco cuidado com a nossa saúde espiritual. E o bom Santo concluía sempre que, “se a nossa fraqueza natural nos faz incorrer em muitas faltas, de modo algum nos devemos admirar disso”.

De mais a mais, S. Francisco de Sales não concedia a ninguém, por mais adiantado que estivesse nas virtu-

des, o direito de se admirar de haver caído em pecado, dirigindo às mais fervorosas religiosas estes avisos: "A duas coisas é necessário que estejamos resolvidos: uma, a ver crescer ervas daninhas em nosso jardim; outra, ter coragem de deixá-las e de nós mesmos as arrancarmos; porque o nosso amor-próprio não há de morrer enquanto vivemos e é êle o autor destas importunas vegetações". "

"Revejo as lágrimas de minha pobre irmã N. e parece-me que a origem de tôdas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa aprendizagem na perfeição. Se pensássemos bem nisto, não nos sentiríamos admirados de descobrir misérias em nós nem de ter de recear algum defeito". "

"Perguntais... como poderíeis prender o vosso espírito a Deus, de tal modo que nada o pudesse soltar nem separar. Duas coisas para isso são necessárias: morrer e salvar-se; porque só depois disto não haverá mais separação e o vosso espírito poderá ficar indissolúvelmente apgado e unido a Deus". "

6. *Recomeçemos!* — Bem diz S. Francisco de Sales que "a origem de tôdas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa aprendizagem na perfeição". Efetivamente, a perfeição em grande parte é uma questão de recomeçar. Definição sumária e ao mesmo tempo relativa. E' lógico: recomeçar cada dia, humildemente, sem despeito, com confiança e ardor; recomeçar a tarefa tão interessante e tão ingrata, às vêzes, do próprio aperfeiçoamento, tudo isto exige uma não pequena medida de boa vontade. Como, porém, no céu triste de um inverno que acabou, Deus faz surgir o sol radioso para recomeçar a florida estação da primavera, assim em nossa

alma surge também o sol da graça, se nos voltamos para Deus. S. Francisco de Assis, às vésperas da morte, êle, o émulo dos serafins, dizia ao seu irmãozinho Frei Leão: "*Meu irmãozinho, quando, pois, amaremos verdadeiramente ao bom Deus?... Vamos!... comecemos a fazer alguma coisa para Ele!*"

Recomeçemos, pois, cada dia, nossa vida de fé, de luta, de confiança, de paciência, de devotamento, de amor divino... Recomeçemos corajosa e confiantemente, pois que o recomeçar nos levará à perfeição!

* * *

Há nos conselhos do nosso santo doutor uma suprema consolação para as almas que sèriamente desejam agradecer sem reserva a Deus e se dedicam ao seu serviço por íntimas comunicações. Julgam-se elas mais indesculpáveis que as outras nas infidelidades que involuntariamente cometem e parece-lhes que as suas quedas deverão causar-lhes maior admiração. E, todavia, não é assim que o entendem os mestres da vida espiritual. "Freqüentemente — nota o P. Grou — as nossas quedas resultam da rapidez da carreira: o ardor que nos impele não nos dá tempo de tomarmos certas precauções. As almas tímidas e precavidas, sempre desejosas de saber onde põem os pés, sempre a dar voltas para evitar um passo em falso, constantemente receosas de se mancharem, não avançam tão depressa quanto as outras, e surpreende-as quase sempre a morte no meio da sua carreira. Não são mais santos os que cometem menos faltas, mas sim os que têm mais coragem, mais generosidade, mais amor e fazem maiores esforços sôbre si mesmos, não receando escorregar, cair até e se manchar um pouco, contanto que avancem". "

S. João Crisóstomo dizia a mesma coisa por outros termos: "Se um soldado fica na refrega, deixa-se ferir

e abater um pouco às vêzes, não há quem, tão duro ou tão ignorante das coisas da guerra, disso lhe faça um grande crime. Só não são feridos os que nunca se lançam nos combates. Os que mais ardidados se atiram contra o inimigo são os que mais recebem os golpes do embate".

7. *Quedas graves.* — Dever-se-ão aplicar até mesmo ao pecado mortal as reflexões dêste capítulo e recomendar às almas gravemente culpadas que não se admirem das quedas que as privam da amizade de Deus? Ousará S. Francisco de Sales ter para elas a mesma linguagem como para com os corações generosos, aos quais se dirigia até agora?

Escutemos: "Meu caro Teótimo, pasmam os céus, tremem de pavor as suas portas e os anjos da paz ficam tomados de espanto em face da estupenda miséria do coração humano que, para se prender a coisas tão deploráveis, abandona um bem tão amável. Mas já viste esta pequena maravilha, que todos sabem sem lhe conhecerem a razão? Quando se abre um tonel bem cheio, êle não deixará sair o vinho, se por cima se lhe não deixar entrar o ar.

Certamente, nesta vida mortal, ainda que as nossas almas abundem em amor do Céu, jamais dêle estarão tão cheias que pelas nossas fragilidades êsse amor não possa sair; lá em cima, porém, no Céu, quando as suavidades da beleza de Deus ocuparem todo o nosso entendimento e as delícias da sua bondade saciarem tôda a nossa vontade, sem nada haver que a plenitude do seu amor não preencha, objeto nenhum, ainda que êle penetre até aos nossos corações, poderá jamais tirar nem fazer sair uma só gota do precioso licor do seu amor celeste, e não será jamais possível pensar em deixar entrar o vento por cima, quer dizer, iludir ou surpreender o entendimento, porque ficará imóvel na apreensão da verdade soberana".

Fiquemos bem avisados: uma queda em pecado, grave que seja, não poderia provocar espanto senão no Céu, onde não pode haver quedas. Cá na terra, não há motivo para disto alguém se admirar mais do que vendo um líquido sair dum vaso aberto.

8. *Tornar a levantar-se imediatamente.* — Oh, como seríamos indulgentes para com os nossos irmãos, digamo-lo de passagem, se bem meditássemos êstes pensamentos! Como nos identificaríamos com a paciência infável d'Aquêle que, antes de investir os seus Apóstolos do poder de remitir os pecados, lhes recomendava que perdoassem não sete vêzes, mas setenta vêzes sete!

Sem dúvida, esta indulgência, com relação às faltas próprias assim como às alheias, não deve ir ao ponto de as olhar com indiferença. Mas uma coisa é não se admirar delas, outra é não as detestar e reparar. O lavrador não se espanta ao ver as ervas daninhas destruírem a sementeira; mas por isso terá êle menos cuidado de arrancá-las?

Assim também, depois de haver dito em sentido absoluto e sem excetuar os pecados mortais: "quando incorrerdes em alguma falta, não vos admireis"; e "se bem soubéssemos quais somos, em vez de nos admirarmos de nos ver em terra, pasmaríamos ao pensar como podemos permanecer em pé", objurga-nos S. Francisco de Sales a "que não nos deitemos na terra nem nos retoucemos na lama", em que caímos; e acrescenta: "Se a violência da tempestade às vêzes nos perturba um pouco o estômago e à cabeça nos traz algumas vertigens, não seja isso motivo de espanto; antes, tão depressa como pudermos, retomemos a respiração e ânimo para proceder melhor".

“Quando cáeres, levanta-te com uma grande placidez, humilhando-te profundamente diante de Deus e confessando-Lhe a tua miséria, mas sem te admirares da queda que deste. Pois que há de extraordinário em que a enfermidade seja enfêrma, a fraqueza, fraca, e a miséria, miserável? Detesta, sim, com tôdas as fôrças, a afronta feita à divina Majestade e depois, com uma confiança inteira e animosa em sua Misericórdia, volta ao caminho da virtude, que havias abandonado”.¹⁰

Este último texto deixa ver bem quais as disposições, supremamente salutares, que, em lugar do espanto, devemos excitar em nós após as quedas: *conhecer a nossa abjeção* que é o primeiro grau de humildade. Dela falaremos na segunda parte desta obra. Por agora, tendo estabelecido que a consciência das faltas próprias não deve causar-nos admiração, demonstraremos que muito menos ainda nos deverá perturbar.

CAPÍTULO II

NÃO NOS PERTURBEMOS À VISTA DOS NOSSOS DEFEITOS

1. *Dois sinais da boa e da má tristeza.* — “A tristeza que é segundo Deus produz para a salvação uma penitência estável, porém a tristeza do século produz a morte” (2 Cor 7,10). A tristeza pode, pois, ser boa ou má, conforme os diversos efeitos que em nós produz; mas, em geral, ela produz antes maus do que bons efeitos, porque os bons são só dois: a misericórdia e a penitência, enquanto são seis os maus: medo, preguiça, indignação, ciúme, inveja e impaciência; o que fêz dizer ao sábio: “A tristeza mata a muitos e a ninguém aproveita”; e a razão é porque, para dois regatos de boas águas, que derivam da fonte da tristeza, há seis que carregam péssimas águas”.¹¹

Faz o demônio seus esforços por engedrar a tristeza má e, a fim de desanimar e desesperar a alma, começa por perturbá-la. Não lhe custa muito sugerir pretextos para isto.

— Ofender a Majestade divina, ultrajar a beleza infinita e ferir o coração do mais terno dos pais, tudo isto não é bastante para afligir a alma?

— De certo que é, responde S. Francisco de Sales. Devemos entristecer-nos, mas com um verdadeiro arrependimento, e não com uma dor aflitiva, cheia de despeito e de indignação; o verdadeiro arrependimento é sempre

calmo, como todo sentimento que do bom espírito procede: "*Non in commotione Dominus*" (3 Rs 19,11). No ponto onde principia a inquietação e a perturbação, vem a tristeza má ocupar o lugar da tristeza boa.

A má tristeza, insiste o nosso Santo, perturba a alma, inquieta-a, incute-lhe receios desregrados, desgosta-a da oração, adormece e fatiga o espírito, impede-a de tirar proveito dos bons conselhos, de tomar resoluções, de formar juízos, de ter coragem e abate as fôrças. Numa palavra: é como um inverno áspero que enregela tóda a formosura da terra e entorpece todos os animais; porque priva a alma de tóda a suavidade, atrofia-lhe a atividade e a torna como tolhida e inibida em tódas as suas faculdades". "

2. *Sinais duma alma que se perturba após suas quedas.* — À vista destes sintomas, quantas almas hão de reconhecer a perturbação de que se deixaram apoderar após as suas faltas e a ruína que ela lhes causou! Começara-se com fervor e seguia-se resolutamente o rasto do Mestre, no caminho do dever, nas rudes escarpas do Calvário. Mas sobrevém uma queda, e com ela eis a perturbação! Ergue-se a alma, no entanto, sob o amparo do arrependimento e da absolvição sacramental, que tudo vem reparar.

E, todavia, por culpa nossa, não sossegamos. Olham-se, examinam-se ansiosamente, contam-se as feridas mal cicatrizadas ainda, sondam-se com receio, envenenam-se por querer pensá-las com despeito e impaciência, "porque não há coisa que mais sirva para manter os nossos defeitos do que o desassossêgo e a precipitação em querer expurgá-los". "

E enquanto isso succede, vai o passo afrouxando. Já não se corre; anda-se a custo; arrasta-se, descontente de si e quase que de Deus também, sem confiança na oração, e para a recepção dos sacramentos não se leva outra

disposição que não seja o receio, até que afinal uma circunstância especial, uma confissão excepcionalmente bem cuidada ou um retiro vem restituir à alma, por um momento, aquêlê entusiasmo e fervor que tivera a princípio.

Decorrido, porém, algum tempo, depois dêste renascimento, se a alma continua ainda sob a mesma impressão, continua a sentir sôbre si o pêso de uma redobrada melancolia, que novas quedas ou sômente a lembrança das faltas passadas lhe hão de trazer; de nôvo, à rapidez com que se corria, sucederá um passo mais lento, e não queira Deus que, à fôrça de hesitações e delongas, ela termine por cair num entorpecimento quase irreparável.

Pobres almas, quem veio travar assim os vossos esforços? Corrieis tanto! Quem vos fêz parar? perguntavos o Apóstolo (Gál 5,7). — A perturbação, responde o autor da *Filotéia*: "Se da primeira vez que tropeçastes, em vez de ficardes inquietos, houvésseis plácida e sossegadamente retomado o equilíbrio de vossos corações, não teríeis caído de nôvo ao dar o segundo passo".

3. *Paciência recomendada aos que incidem em imperfeições.* — Por isso é que S. Francisco de Sales multiplicava os seus conselhos, no empenho de comunicar aos outros "a paz tão desejada, o hóspede mais querido, fiel e perpétuo do seu coração", e por esta razão recomendava instantemente a serenidade e a paciência para com nós mesmos.

Não nos perturbemos à vista das nossas imperfeições!... Livrai-vos de precipitações e desassossegos; que não há nada que mais nos estorve o passo no caminho da perfeição". "

"Que fazem as aves e os outros animais, caídos nos laços traiçoeiros? Debatem-se desordenadamente no esforço de se libertarem, e só conseguem é embaraçar-se cada vez mais...

Não é perdendo a serenidade do espírito que conseguiremos sair dos laços que nos armam algumas imperfeições; ao contrário, mais nos envencilharemos neles".

"E' preciso sofrer com paciência a lentidão com que nos aperfeiçoamos, e não deixar de fazer quanto pudermos para progredir e sempre com boa vontade. . . Aguardemos, pois, com paciência, o nosso adiantamento, e, em vez de nos inquietarmos por haver feito tão pouco no passado, diligenciemos fazer mais para o futuro".

"Não nos aflijamos por sempre nos vermos noviços no exercício das virtudes, porque no Mosteiro da Vida Devota cada um se presume sempre noviço, e emprega tôda a vida em dar provas de sua humildade; o sinal mais evidente de ser, não somente um mau noviço, mas até de merecer ser expulso e reprovado, é julgar-se e ter-se a si mesmo como professo. Pois, conforme a regra desta Ordem, não é a solenidade, mas o cumprimento dos votos que dos noviços faz professos, e os votos não se julgam cumpridos enquanto houver alguma coisa a fazer para a observância dêles. A obrigação de servir a Deus e fazer progressos no seu amor dura sempre e só termina com a morte.

— Bem, me dirá alguém; mas, se eu conheço que é por minha culpa que não avanço no caminho da virtude, como é possível que me não aflija e inquiete?

— Já o disse na "*Introdução à Vida Devota*"; mas repito-o de bom grado, porque nunca está dito demais: "Entristecer-se com um arrependimento sereno, constante e tranqüilo pelos erros cometidos, é justo e como deve ser; mas com um arrependimento turbulento, perturbador e desanimador, nunca".

4. *Calma por ocasião das quedas.* — Vê-se das citações precedentes, e há de ver-se melhor ainda das que se seguem, que o Santo doutor não recomenda a serenidade

e paciência consigo mesmo somente às almas justas e inocentes, mas até e sobretudo às que tiverem a infelicidade de cair em faltas.

"Se vos succeder alguma vez perder a paciência, não vos perturbeis, mas procurai tranquilizar-vos logo com todo o cuidado e serenidade. Refletis demais sobre os ímpetos do vosso amor-próprio, ímpetos sem dúvida frequentes, mas nunca serão perigosos, contanto que, sem vos enfadar pela sua importunidade e sem vos admirar da sua freqüência, digais tranqüilamente: *Não!*

Caminhai com simplicidade, não ambicioneis tanto o repouso do espírito, e tê-lo-eis com certeza".

"Tende paciência com todos, mas sobretudo convosco, quero dizer, não vos perturbeis por causa das vossas imperfeições e tende sempre coragem para vos emendar delas. Estimo muito que todos os dias recomeceis, porque não há melhor meio de acabar bem a vida espiritual do que sempre recomeçando e não pensando nunca ter já feito muito".

5. *Suportar os próprios defeitos com uma aflição tranqüila e corajosa.* — "Não vos aflijais nem admireis de sentir ainda vivas em vossas almas as imperfeições que me contastes; porque, se bem que seja necessário combatê-las e detestá-las para lograr emendar-vos, não é mister que vos aflijais assim tão desgostosamente, mas sim que tenhais uma aflição corajosa e tranqüila, que vos inspire um propósito firme e seguro de emenda".

"E' urgente fugir do mal? Pois fuja-mos, mas plácida-mente, sem perturbações; porque, se assim não fôr, pode acontecer que, fugindo dêle, vamos nêle cair e dar ensejo ao inimigo de nos tirar a vida. . . Até na penitência há de haver placidez e serenidade. *Eis que*, dizia êste penitente, *a minha amaríssima amargura está em paz*" (Is 38,17).

“Só o pecado deve desgostar e afligir; e no extremo dêste desgosto deve ainda despontar uma santa alegria e consolação”.²⁴

“Quem só vive em Deus não se entristece nunca, senão por ter ofendido a Deus; e a sua tristeza resume-se numa profunda, mas tranqüila e plácida humildade e submissão, após a qual se levanta na bondade de Deus, por uma doce e perfeita confiança, sem pesar nem despeito”.²⁵”

“Em uma palavra: não vos aborreçais, ou, pelo menos, não vos deixeis apoderar da perturbação que vos tem dominado, nem vos deixeis abalar com aquilo mesmo que vos tem abalado, nem vos deixeis dominar da inquietação que vos tem inquietado por essas paixões perturbadoras. Retomai posse do vosso coração, e colocai-a plácida e nas mãos de Nosso Senhor... Dominai e refreai o vosso coração, quanto puderdes, até ficardes tranqüilos com vós mesmos... ainda que bem dignos de compaixão...”²⁶

“E' necessário ter paciência consigo mesmo e afagar o coração, animando-o, e, quando estiver muito irritado, é preciso segurá-lo como a um cavalo enfreado e fazê-lo entrar firmemente em si mesmo, sem o deixar correr após os sentimentos”.²⁷

“Tende todo o cuidado em não vos perturbardes quando cometerdes alguma falta; porém humilhai-vos, desde logo, na presença de Deus, e isto com uma humildade amorosa e doce, que vos conduza à confiança de recorrer imediatamente à sua bondade e dar-vos a segurança de que

²⁴) “Não te assustes por causa de tua fraqueza nem de tua inconstância. Jesus é bom e poderoso. O teu passado Ele o pode reparar num instante. Deixa-te cativar pela sua graça. Ele fará de ti a conquista do seu amor. O segredo de encantar o coração de Jesus e de tudo obter d'Ele consiste em jamais duvidares da sua bondade...” J. Schrijvers C.S.S.R.: *Le Divin Ami*, p. 14.

vos há de amparar no empenho da vossa emenda... Quando vos suceder cair em algum pecado, seja qual fôr, pedi plácida e perdão a Nosso Senhor, dizendo-lhe que estais bem certos de que Ele vos ama muito e vos perdoará. E isto fazei-o sempre com simplicidade e placidez”.²⁸

6. *Efeito da falsa humildade.* — Para com mais eficácia combater esta perturbação tão funesta, S. Francisco de Sales tinha o cuidado de desvendar a causa ordinária, para não dizer única, dêste estado moral: *o amor-próprio*, o amor com que cada um se busca a si mesmo. Já o havia dito S. Teresa: “Quando há verdadeira humildade, pode a causa reconhecer-se má e daí nascer o pesar; mas êste pesar não é acompanhado de perturbação nem de inquietação; é um pesar que não produz obscurecimento no espírito nem aridez; ao contrário, consola-o. Aflige-se a alma por haver ofendido a Deus, e, por outro lado, dilata-se na esperança da sua misericórdia. Tem luz para confundir-se, e para louvar a Deus, que tanto a tem suportado.

Não é assim a falsa humildade, inspirada pelo demônio: esta não tem luz para bem algum. Parece que Deus põe tudo a fogo e a sangue. E' uma das mais funestas invenções do demônio, e das mais sutis e dissimuladas”.²⁹

Não é outra a razão por que a perturbação do pecado é um mal tão comum. Humilhar-se nas suas misérias — disse um bom sacerdote — é uma coisa boa que poucas pessoas compreendem; inquietar-se e indignar-se é coisa que toda gente conhece e que é má, porque o amor-próprio tem sempre a maior parte nesta espécie de inquietação e despeito”.³⁰

E' bem fina a observação que Frederico Ozanam fêz a êste respeito: “Há duas espécies de orgulho: um que vive contente de si, e é o mais comum e menos perigoso; outro que anda descontente de si porque espera muito de

si mesmo e se vê enganado nas suas esperanças. Esta segunda espécie é muito mais refinada e perigosa".

7. *Desassossêgo e perturbação, conseqüências do amor-próprio.* — E' ao amor-próprio, disfarçado sob a máscara da humildade, que o nosso bom Santo ataca em todos os seus ardis. Aquela excessiva ansiedade da alma, mais inquieta por saber que está curada do que em se curar; aquêles secretos despeitos em não querer fazer a paz com a sua consciência, achando mais cômodo abandoná-la como incorrigível; aquelas melancolias em que se imerge, a constante e exclusiva contemplação das faltas próprias e de si mesma, a necessidade que tem de gemer e lastimar-se mais diante dos homens do que diante de Deus, com um imperceptível desejo de ser lastimada e acariciada: em todo êste queixoso pesar o sábio doutor põe o dedo e mostra que "todo êle é obra de um certo pai espiritual que se chama *amor-próprio*".

"Um modo de fazer um bom uso da mansidão é applicá-la a nós mesmos, não nos irritando contra nós e nossas imperfeições; o motivo, pois, que nos leva a sentir um verdadeiro arrependimento de nossas faltas, não exige que tenhamos uma dor repassada de aborrecimento e indignação. E' quanto a êsse ponto que erram muitos continuamente, agastando-se por estarem agastados e amofinando-se por estarem amofinados, porque assim conservam aceso no coração o fogo da cólera e, bem longe de abrandar dêste modo a paixão, estão sempre prestes a exasperar-se à primeira ocasião que se oferecer.

Demais, estas iras, despeitos e exasperações contra nós mesmos, conduzem ao orgulho e outra origem não têm senão o amor-próprio que, por nós sermos tão imperfeitos, se perturba e inquieta". "

8. *Estima exagerada de nós próprios.* — "Não nos embaracemos com a tristeza e o desassossêgo. Tais pertur-

bações é o amor-próprio que as produz, inculcando-nos o pesar de não sermos perfeitos, e mais pelo amor de nós mesmos do que de Deus. . . Gostamos muito de chorar os nossos defeitos: tanto isto nos consola o amor-próprio!" "

"Parece-nos que tudo está perdido quando algumas contrariedades se nos defrontam, até quando descobrimos apenas um leve traço de falta de mortificação, ou cometemos algum pecadilho insignificante". "

"O nosso primeiro mal é a estima de nós mesmos. Daí vem ficarmos surpreendidos, perturbados e impacientes quando nos acontece pecar ou cair em alguma imperfeição, visto pensarmos que somos alguma coisa boa, firme e sólida; todavia, ao ver que nada somos e darmos com o nariz em terra, perturbamo-nos ficamos tristes e descontentes por verificarmos que nos enganamos". "

9. *Corrigir-se com calma e mansidão.* — Tal o procedimento que S. Francisco de Sales opõe às agitações e ansiedades estéreis engendradas pelo amor-próprio. Parece tomar o partido do coração que perdeu fôrça, tanta comiseração tem para com êle; em vez de o tornar mais brusco e perturbado, eis como êle quer que seja tratado:

"Não atormenteis o vosso coração, nem mesmo quando êle se tiver desviado; tomai-o com tôda a cautela e reconduzi-o ao seu caminho!

Logo desde a manhã dispõe a vossa alma para andar tranqüila, e tende o cuidado de, no correr do dia, a chamar muitas vêzes e colocá-la em vossas mãos. Se vos succeder algum caso triste, não vos espanteis; humilhai-vos tranqüilamente na presença de Deus e procurai pôr o vosso espírito em atitude de quem está tranqüilo e quieto. Dizei à vossa alma: Eia, demos um passo em falso; vamos agora devagarinho e tenhamos cautela conosco! Fazei isto tôdas as vêzes que cairdes". "

Deixemos penetrar a nossa alma sempre duma absoluta confiança em Deus e duma inteira desconfiança de nós mesmos, em todo o trabalho da perfeição.

E, antes de tudo, na vida espiritual, ajamos mais por amor do que por temor.

O amor dilata o coração, exalta as suas energias; o temor comprime e aperta.

O amor engendra a confiança e a paz; o temor entretém o desassossêgo e a agitação.

Se olharmos para nós mesmos e para a nossa fraqueza, temor e desalento invadirão o nosso coração; se, porém, nos voltarmos para Jesus, que é bom e poderoso, penetrar-nos-á amor e confiança.

Deixemo-nos, pois, atrair por Jesus e não permitamos ao temor e à desconfiança perturbarem o nosso coração. Repilamos, neste mesmo instante, todo pensamento depressor, todo sentimento de tristeza ou de desânimo, pois são o fruto da confiança em nós mesmos.

Na nossa aspiração à perfeição, procedamos com mansidão e calma, e não com violência.

A violência é uma força destrutiva; ela elimina, quebra, despedaça, destrói, mas não repara e não edifica.

A violência é uma força transitória, e não atinge senão a superfície das coisas. A mansidão, pelo contrário, é durável, penetra até ao centro da nossa alma, até à região onde nascem os afetos, as emoções e as resoluções.

A mansidão é como um óleo que cura e fortifica. É, por excelência, o antídoto aos males do coração humano.

O homem se revolta contra a violência e se deixa ganhar pela bondade.

Tenhamos uma vontade sempre enérgica, mas nunca precipitada; um espírito sempre presente e precavido, mas nunca preocupado; um coração sempre forte e valente, mas nunca agitado...

Apliquemos êstes princípios às nossas relações com o próximo; mas apliquemo-los sobretudo ao nosso próprio coração. Não nos agastemos e irrite-mos nunca contra nós mesmos depois de têmos dado uns passos em falso. Humilhemo-nos, sim, diante de Nosso Senhor, pedindo-lhe perdão confiantemente e tornemos a levantar com redobrada coragem: Jesus está conosco e nos ajudará...

Lembremo-nos ainda de que o único desejo do nosso Salvador, sua única preocupação de Redentor é perdoar as nossas faltas e conduzir-nos à santidade, à qual aspiramos por seu amor...

10. *Exemplos de correção branda e persuasiva.* — O arrependimento de nossas faltas deve ter duas qualidades: a tranqüilidade e a firmeza. Não é verdade que a sentença de um juiz contra um criminoso, pronunciada com brandura e espírito tranqüilo, é mais conforme à justiça do que aquelas que são influídas pela paixão e por um espírito impetuoso, determinando o castigo não tanto pela qualidade do crime como pela atual disposição de quem o impõe? Digo também que mais eficazmente nos punimos de nossas faltas por uma dor calma e constante do que por arrependimentos exagerados, repentinos, cheios de amofinações e indignação, porque nesta excitação nos julgamos segundo a nossa inclinação e não conforme a natureza do erro cometido...

Crê-me, a admoestação de um pai ao seu filho, feita com doçura, há de corrigi-lo mais facilmente do que um castigo severo, infligido num estado de excitação. De modo semelhante, se o nosso coração cometer alguma falta e nós o repreendermos com brandura e tranqüilidade, mais por compaixão para com êle do que por paixão contra êle, exortando-o a proceder melhor, êste modo de agir o tocará e encherá mais de coragem para a emenda

*) V. J. Schrijvers: Le Divin Ami, p. 44, 46 ss.

e arrependimento do que as repreensões ásperas que a indignação apaixonada lhe poderia fazer. Eu, por mim, se me propusesse, p. ex., evitar todo pecado de vaidade, e não obstante caísse, mesmo gravemente, não havia de repreender o meu coração dêste modo: Tu és verdadeiramente um miserável, um abominável, porque te deixaste seduzir pela vaidade depois de tantas resoluções! Que vergonha! não levantes mais os olhos ao Céu, cego, imprudente e infiel ao teu Deus!... e coisas semelhantes. Quisera, sim, corrigi-lo com modos razoáveis e compassivos: Pois bem, meu pobre coração, eis-nos de nôvo caídos na cilada que tínhamos resolvido evitar! Ah! levantemo-nos de nôvo e livremo-nos dela para sempre; imploremos a misericórdia de Deus; esperemos que Ele nos sustenha para o futuro e reentremos nos caminhos da humildade! Coragem! Deus nos há de ajudar e ainda faremos alguma coisa de bom...

Sôbre a suavidade desta branda correção queria eu fundar sôlidamente a resolução de não mais reincidir no mesmo pecado, procurando os meios conducentes a êste fim e principalmente o conselho do meu diretor.

Se, entretanto, o coração não fôr bastante sensível a estas repreensões, convém empregar meios mais enérgicos, uma repreensão mais forte e áspera para enchê-lo duma profunda confusão de si mesmo, contanto que, depois de tratá-lo com esta severidade, se procure consolá-lo com uma santa e suave confiança em Deus, à imitação dêsse grande penitente que, vendo a sua alma aflita, a alentava, dizendo: *Por que estás tu triste, minha alma? e por que me perturbas? Espera em Deus, porque ainda hei de louvá-lo: salvação de meu rosto e Deus meu!*" (Sl 42). "

11. *A perturbação dificulta a renúncia ao pecado.* — E' supérfluo observar que em todos êstes avisos tão cheios de caridade e tão seguros não há uma só palavra

que tranquilize e faça adormecer a alma no pecado. E como adormecer com uma serpente no seio?! Como, sobretudo se há culpa grave, não temer ao pensamento da morte, que de instante a instante pode eternizar remorsos e penas? Como não desvincilhar-se com tôda pressa dum inimigo cujos abraços podem, a cada momento, arrastar-nos para o abismo duma desgraça sem fim? E, ainda mesmo que as faltas não sejam graves, como guardar na alma máculas tão desagradáveis a Deus, e conservar um fardo que vai pouco a pouco arrastando, por um declive fatal, ao pecado mortal?

E' precisamente para facilitar a renúncia ao pecado que o amável doutor recomenda que nos não perturbemos. Bem sabe êle que a agitação e o despeito não fazem nada de bom. Sabe, como hábil médico, que, para uma amputação difícil, é mister acalmar o doente em vez de o exacerbar, e que o êxito da operação será tanto mais pronto e seguro, quanto mais pausadamente ela fôr feita. Eis por que êle quer, antes de tudo, restabelecer o sossego da alma.

12. *Exemplo de S. Francisco de Sales.* — O que aconselhava aos outros, êle mesmo o praticava por ocasião das ligeiras imperfeições em que involuntariamente incorria; e o melhor fecho que podemos pôr a êste capítulo será a citação dum dos seus biógrafos contemporâneos:

"Um dia, em que tive a felicidade de conferenciar com êle sôbre coisas espirituais, caí em dizer-lhe que os pecados veniais, ainda que pequenos, causavam não sei que perturbação e desassossego ao coração; e mal tinha soltado esta sentença, me replicou êle: Perdão, os pecados veniais não devem perturbar-nos nem inquietar-nos: devem, sim, causar-nos muito desprazer. A falta de tranquillidade é obra do amor-próprio, que se incomoda com o trabalho que a prática da virtude impõe e com a obri-

gação de renunciar a alguma coisa; ao passo que o pesar é efeito da graça que no-la inspira por têrmos desagradado ao nosso Criador”.

Eis como êle pensava no que respeita à dor que devemos ter das nossas faltas cotidianas, e também como êle procedia em semelhantes ocasiões, pedindo perdão ao doce Redentor das suas faltas, sem todavia se exasperar nem de modo algum aborrecer-se.

Anteu, lutando com Hércules, segundo nos descrevem os sábios da Grécia em suas poesias, não caía por terra sem que logo tornasse a erguer-se com fôrças novas e mais vigoroso que antes. Assim êste homem magnânimo, que continuamente estava em luta com as paixões, se acaso alguma vez dava um passo em falso, erguia-se corajosamente e continuava a sua emprêsa plácidamente, tranqüilamente, sem se aborrecer, nem de modo algum desgostar-se”.

CAPÍTULO III

NÃO DESANIMEMOS POR CAUSA DOS NOSSOS PECADOS

1. Um piedoso eclesiástico estava a fazer o seu retiro sob a direção do Padre Rothaan. No meio dos santos exercícios, o ilustre jesuíta foi súbitamente chamado a Roma, onde, logo depois, devia ser eleito Geral da sua Companhia. Tinha-se já despedido dos seus irmãos e pôsto a caminho quando, retrocedendo dum golpe, entra no quarto daquele exercitante, e diz-lhe: “Senhor padre, ia-me esquecendo duma recomendação de suma importância: suceda-vos o que sempre suceder, *não desanimeis nunca!*”

Palavra de ouro! A quantas almas seria necessário dizê-la e torná-la a dizer! S. João Crisóstomo não se cansava de repetir: “Não desespereis! Dir-vo-lo-ei em todos os meus discursos, em cada uma das nossas entrevistas, e, se me escutardes, ficareis curados!... Tem a nossa salvação dois inimigos mortais: a presunção na inocência e a desesperação depois da queda; mas êste último é o mais terrível”.

Com efeito, “*é pela esperança que nós somos salvos*” (Rom 8,24). À semelhança duma forte cadeia que desce do Céu e prende as almas, assim é a esperança. Quando as almas se prendem firmemente a ela, atraí-as pouco a pouco a sublimes alturas e as subtrai aos vendavais da vida presente. Mas a alma que, vencida pelo desânimo,

larga esta âncora santa, cai logo e perece, submergida no abismo do mal.

“Não o ignora o pérfido adversário das almas. Desde que nos vê alquebrados sob o pêso do sentimento das nossas culpas, precipita-se sôbre nós e arremessa aos nossos corações pensamentos desesperadores, mais pesados ainda que o chumbo, e, se os acolhemos, arrasta-nos o seu pêso, foge-nos a cadeia tutelar e rolamos ao fundo do abismo”.

2. *Dupla tática do demônio.* — Ai! quanto a experiência confirma a verdade destas últimas palavras! Vem do desânimo a imensa maioria das quedas não reparadas, que deram escândalo na Igreja, e a maior parte daquelas que só os anjos da paz conhecem e pranteiam. Se, em vez de desespêro, tivesse havido um arrependimento esperançoso, nada estaria perdido. Insinuando-se na alma perturbada por uma queda, que muitas vêzes foi apenas uma surpresa, êste demônio do desespêro, à custa de mil argumentos, cada qual mais desanimador, acaba por lançar na alma o pensamento esmagador de Caim: “*E’ grande demais a minha iniquidade para que eu possa merecer perdão!*” (Gn 4,13).

Desde êsse momento, no dizer de S. Paulo, assenhora-se desta alma o príncipe das trevas; dirige-a, impele-a, precipita-a onde bem quer: “*Operatur in filios diffidentiae*” (Ef 2,2). E a razão é porque lhe comunica duas das mais diabólicas disposições: a aversão a Deus pelo pecado e o receio de Deus pelo desânimo. E Deus nos livre de crer que esta tentação só vem depois de faltas graves. Dela faz o espírito da mentira uma arma tanto mais terrível quanto mais hábilmente dissimulada, para combater as almas virtuosas após as mais ligeiras quedas; e se não logra arrastá-las ao abismo dum desespêro completo, paralisa-as pelo menos no caminho do bem, desconcerta-as, distende-lhes os seus mais fortes laços, e

fá-las em breve decair do seu fervor para as mergulhar na melancolia e no relaxamento. Vem tudo à carga; já não se cuida mais em reparar as faltas, e daí nasce uma verdadeira tibieza, com seus estragos quase irreparáveis.

As nossas faltas, sobretudo as de todos os dias, fornecem a Satanás um meio fácil de conseguir tal resultado, e, se é na guerra contra a esperança que o espírito infernal mais lida por *transformar-se em anjo da luz* (2 Cor 11,14), fácil lhe é representar êste papel, contrapondo as nossas infidelidades sem-número às incessantes solicitações da graça, as nossas ingratidões aos benefícios de Deus, as nossas defecções às resoluções tomadas.

— Não é de justiça, exclama a alma no extremo do seu desânimo, que Deus esteja cansado e se tenha esgotado a fonte das graças de que não fiz senão abusar?! Deus abandona-me; tem todo o direito e razão. E’ tempo de renunciar a uma empresa que as minhas repetidas quedas patentearam ser superior às minhas fôrças. Tive demasiada presunção a respeito da bondade de Deus e do que eu podia fazer. De que serve consumir-me em estêreis esforços para prosseguir todos os dias, sem nunca atingir o fim, na conquista duma santidade a que não posso chegar?

A experiência está feita. Levou-me ela à evidência do que para as minhas fôrças são demasiado altas estas sumidades. Para que estarei sempre a formar novas resoluções: *quamdiu ponam consilia in anima mea*, para afinal ter a dor de faltar a elas no decorrer do dia: *dolorem in corde meo per diem*, e encher de alegria o inimigo por muitas quedas: *usquequo exaltabitur inimicus meus super me?* (Sl 12,2-3).

Não é tanto pelas tuas faltas, ó alma desalentada, que teu inimigo exulta de prazer, mas sim por causa do abatimento em que te deixas cair depois e da desconfiança que elas te inspiram para com a misericórdia divina.

“Eis o maior mal que a uma criatura pode suceder, diz o ven. Padre Cláudio de la Colombière. Quando se pode evitar este mal, nenhum há que não possa converter-se em bem e ter facilmente grandes vantagens...”

Nada vale o mal que fazeis, em comparação do mal que vos causa a desconfiança. Confiai, pois, até ao fim, ordeno-vos com todo o poder que me delegastes sobre vós. Se me obedecerdes neste ponto, eu respondo pela vossa conversão”.

3. *O doutor animador por excelência.* — Se ocasião houve em que estes conselhos foram oportunos, é de certo em nossos dias. O desânimo, este mal que paralisa tantos caracteres nobres e intenções retas nas esferas políticas e sociais, causa ainda maiores danos nas almas, até mesmo nas que sentem mais vivo desejo de agradar a Nosso Senhor.

“Felizmente, a sabedoria divina, diz S. Agostinho, possui o segredo de proporcionar aos homens, consoante as circunstâncias em que se acham, os remédios adequados às suas necessidades”. Na hora mais desalentada dum dos séculos de maior abatimento, no momento em que no século XVII iam despontar as desesperadoras doutrinas de Jansênio, a Providência suscita à vida, inspira a falar e a escrever e faz coroar doutor da Igreja universal a S. Francisco de Sales, o doutor animador por excelência. E com efeito, tudo eleva e reanima nos escritos do amável santo; e, assim como S. Bernardo desafiava os seus ouvintes a que lhe apontassem algum traço de menor doçura na fisionomia evangélica e tradicional da Mãe de Deus, assim podem desafiar-se os leitores de S. Francisco de Sales a que descubram, se são capazes, alguma coisa nêle que possa permitir ao maior pecador um só instante de desalento.

Ora, diz o eminente P. Faber, “a mais doce de tôdas as doutrinas, que S. Francisco de Sales por inspiração di-

vina nos ensinou, é exatamente a que tem por objeto determinar o ponto de vista em que nos devemos colocar para julgar com retidão as nossas faltas”.

Em primeiro lugar, S. Francisco de Sales proíbe absolutamente que se perca a coragem após a queda, seja ela qual fôr. “Por Deus! Antes morrer que ofender a Nosso Senhor ciente e deliberadamente! Quando, porém, tivermos a desgraça de cair, antes perder tudo mais do que a coragem, a esperança e o firme propósito de emenda”. “Se vos suceder cair em alguma falta, humilhai-vos e recomeçai, exatamente como se não tivésseis caído”. Não é um grande mal a fraqueza, se uma coragem firme e sincera a vai reparando pouco a pouco, como eu vo-lo suplico”.

“E’ certo que não nos devem agradar as nossas imperfeições; digamos com o Apóstolo: “*Ai de mim, miserável! quem me livrará do corpo desta morte?*”; mas nem tão pouco nos deverão assombrar ou desanimar. Aproveitemo-nos delas para crescer em submissão, humildade e desconfiança de nós mesmos, e não resultem nunca em desalento ou aflição da alma, muito menos ainda em desconfiança do amor de Deus para conosco. Deus não ama, é verdade, as nossas imperfeições ou pecados veniais, mas ama-nos a despeito delas. Assim como à mãe não agradam a fraqueza e enfermidade do filho, todavia não o deixa de amar por isso, porém ama-o terna e compassivamente. Da mesma sorte, embora Deus não ame as nossas imperfeições e pecados, não deixa de nos amar ternamente; o que fêz dizer David a Nosso Senhor: “*Compadecei-vos de mim, Senhor, porque sou enfêrmo!*”

E’ preciso armar-nos de uma coragem invencível para não nos cansarmos na luta contra nós mesmos, pois nunca havemos de deixar de ter alguma coisa a fazer e emendar... Não vêdes todos os dias como as pessoas, que aprendem esgrima, caem tantas vêzes? Sucede outro tan-

to com os que se dedicam à aprendizagem da arte hípica; caem a cada passo, e todavia não se dão por vencidos, pois uma coisa é ser uma vez subjugado, outra ser absolutamente vencido". "

E' boa a desconfiança que tendes das vossas fôrças, contanto que ela sirva de fundamento à confiança que deveis ter em Deus; se ela, porém, conduz ao desânimo, ao desassossêgo, à tristeza e à melancolia, então peço-vos encarecidamente que a repulseis como a tentação das tentações, e nunca concedais ao vosso espírito que dispute e replique em defesa da inquietação ou abatimento do coração, para o qual vos sentirdes inclinados..., ainda que seja sob o especioso pretêxto da humildade". "

* * *

Pode-se ver, em todos êstes textos, como S. Francisco de Sales combate o desânimo, atacando diretamente as suas causas. Por que é que tantas pessoas desanimam? E' porque exageram a fraqueza própria, ou então desconhecem a misericórdia de Deus, e, as mais das vêzes, por um outro motivo ao mesmo tempo. É, diga-se de passagem, um fenômeno estranho, mas todavia por demais comum. Cai o pecador porque desconhece a pobreza das suas fôrças e porque confia demais na misericórdia divina; cai, e, depois da queda, êstes dois sentimentos renascem em ordem inversa. A consciência da sua fraqueza toma proporções desmedidas e envolve a alma em um manto de tristeza e confusão que a esmaga; e Deus, a cuja ofensa ainda agora a presunção dum fácil perdão abria caminho mais livre, aparece agora como um vingador inexorável. A alma culpada tem mêdo dêle e de si tem vergonha; se não reage contra estas duas funestas tentações, renuncia cobardemente à luta, e, em vez de se arrancar das garras do pecado, succumbe sem resistência nos braços dêle. O desânimo é a capitulação da vontade, uma resolução às avessas, cujo resultado fatal é muitas vêzes a impenitência final.

4. *O Coração de Deus sempre pronto a perdoar liberalmente.* — Quer o nosso Santo Doutor curar estas duas disposições geradoras do desânimo. Faz compreender à alma desejosa de se santificar que ela se embrenha em caminho longo e penoso e que a sua fraqueza está em completa desproporção com as dificuldades da viagem; mas, ao mesmo tempo, vai-lhe dizendo que ela pode tudo "*na-quele que é a sua fôrça*", assim depois da queda como antes, e lhe patenteia em Deus um coração pronto a perdoar liberalmente e um braço onipotente para sustentar.

Tem a solidão os seus assaltos e o mundo os seus fracassos; em tôda parte devemos ter muita coragem, porquanto por tôda parte também o socorro do Céu assiste aos que em Deus confiam e que com humildade e doçura imploram a sua assistência paternal". "

"Deveis renovar todos os propósitos de emenda que antes havíeis feito; e, ainda que, não obstante tôdas as resoluções, continueis nas vossas imperfeições, não deixeis por isso de empreender uma firme emenda e apoiá-la na assistência divina". "

Ficai, pois, em paz... Quando nos suceder violar as leis da indiferença em coisas indiferentes ou por ímpetos repentinos do amor-próprio e das paixões, prostremos imediatamente, logo que possamos, o nosso coração diante de Deus e digamos com espírito de confiança e humildade: "*Misericórdia, Senhor, porque sou enfêrmo!*" (Sl 6,3). Ergamo-nos em paz e, tranqüilos, reatemos o fio da nossa indiferença e depois continuemos a nossa obra. Não é fôrça quebrar as cordas nem abandonar o alaúde, quando êle está desafinado: o que é preciso é aplicar o ouvido para saber donde vem o desarranjo e lentamente retesar a corda ou abrandá-la, conforme a arte o requer". "

“Consideras a altura da montanha da perfeição cristã e dizes: como hei de subir lá em cima? Coragem! As ninfas das abelhas, que estão principiando a tomar a sua forma, não têm ainda asas para voar sobre os rios e ir colher o mel nas flôres das montanhas e das colinas; mas, nutrindo-se pouco a pouco do mel que as suas mães lhes preparam, as asas vão crescendo e tanto se fortificam que enfim tomam vôo até aos lugares mais elevados.

Na verdade, nós nos devemos considerar como pequenas abelhas no caminho da devoção e não podemos adquirir a perfeição duma vez, como quereríamos. Mas principiemos a trabalhar para isso, por nossos desejos e boas resoluções, e começarão a surgir-nos as asas.

Aguardemos, pois, o dia em que já sejamos abelhas espirituais e então voaremos. Alimentemo-nos, nesse meio tempo, com o mel suavíssimo de tantos ensinamentos que os Santos e Santas nos legaram, e roguemos a Deus, como o profeta-rei, *que nos dê as asas da pomba*, a fim de que não somente nos elevemos à perfeição da vida presente, mas também ao repouso da bem-aventurança eterna”.

“Nunca se acaba; é preciso recomeçar sempre e fazê-lo de boa vontade. “Quando o homem tiver acabado — diz a Escritura — então estará no comêço” (Ecli 18,6). Bom é o que até agora temos feito; melhor, porém, há de ser o que vamos começar; e quando o tivermos concluído, começaremos de novo outra obra que será melhor ainda, depois outra, até que transponhamos as fronteiras dêste mundo para entrarmos em outra vida, que não terá fim, porque maior bem não nos será dado lograr.

Não choremos, pois, quando em nossa alma há trabalhos e preocupações; tenhamos coragem para avançar sempre mais, visto nunca devermos parar, e estejamos resolvidos a cortar, já que é uma necessidade aplicar a

návalha “até separar a alma e o espírito, os nervos e os tendões” (Heb 4,10).”

5. *E' vencedor quem está pronto a combater.* — “E' pena que não baste, para atingir a perfeição, o desejo de a ter, e que seja mister adquiri-la ao suor do nosso rosto e à força do trabalho!.. Mas sou tão imperfeito! — dizes-me. — E' bem possível, mas não apenas que poderás viver sem imperfeições, porquanto é isso impossível durante o tempo em que viveres na terra. O que é preciso é que não queiras essas imperfeições e que elas não vivam em teu coração, quer dizer, que as não cometas voluntariamente nem queiras perseverar nelas. Sendo assim, fica tranqüilo e não te perturbes por causa da perfeição que desejarias ter: bastará que a tenhas quando morreres. Não sejas, pois, tão receoso. Caminha com segurança nos caminhos de Deus. Armado com as armas da fé, ninguém te poderá fazer mal”.

“É, pois, necessário que te armes de muita paciência e coragem. Ah! que pena me fazem aquelas pessoas que, por se verem sujeitas a muitas imperfeições, depois de alguns meses de devoção, começam a inquietar-se, a perturbar-se e desanimar, já quase a sucumbir à tentação de deixar tudo e tornar atrás. Bem preciso é que, para exercitar a humildade, sejamos alguma vez feridos nesta batalha espiritual; mas o que não devemos é dar-nos por vencidos, a não ser que a vida se perca ou nos fuja a coragem. Ora, as imperfeições e pecados veniais não nos podiam privar da vida espiritual, porque esta não se perde senão pelo pecado mortal, e só nos poderão fazer perder a coragem. “*Livrai-nos, Senhor, — dizia David — da covardia e do desânimo*”. Nesta guerra, em que nos empenhamos, seremos sempre vencedores com a feliz condição de querermos combater”.

*) Esta última frase faz lembrar a palavra do conde J. de Maistre: “Não há batalha perdida senão a que se crê perdida”.

6. *As quedas.* — Devemos concordar que S. Francisco de Sales nestas diversas instruções se dirigia a pessoas já mais ou menos adiantadas nas vias da perfeição, e que as faltas, por causa das quais lhes suplicava que não desanimassem, eram de ordinário faltas veniais ou imperfeições.

E' certo, porém, que êle não excluía das suas instruções, tão cheias de suave coragem, as almas mais culpadas, e a tôdas, por mais graves que sejam as suas quedas, se dirige nestes têrmos, baseado sôbre as mesmos motivos:

“Alimentai a vossa alma duma confiança cordial em Deus; e, à medida que vos virdes rodeados de imperfeições e misérias, fazei reanimar a vossa coragem por meio duma esperança firme... Tende muita humildade, pois esta é a virtude das virtudes, mas a humildade generosa e plácida...”

Certamente vos preferíeis sem faltas a ver-vos no meio de imperfeições, e de boa vontade eu faria o mesmo, porque então estaríamos no paraíso. Odiai, sim, as vossas imperfeições porque são imperfeições, mas amai-as porque vos fazem ver o vosso nada e miséria e vos asseguram a misericórdia de Deus... Eia, sus! devemos dizer depois da queda: Meu coração, meu amigo, em nome de Deus, coragem! Caminhemos, tenhamos cautela conosco e elevemo-nos ao nosso socorro, ao nosso Deus!”*

“Não impede que se progrida na piedade o cair alguma vez em pecado mortal, contanto que não seja com o desígnio de nêle atolar-se ou adormecer. Perde-se, é verdade, a devoção, pecando gravemente, mas recupera-se ao primeiro arrependimento verdadeiro que se tiver dêsse pecado, quando, como disse, se não tenha submergido por muito tempo na desgraça... Em todo caso, não percamos a coragem; antes consideremos a nossa fraqueza

com uma santa humildade, confessemos-la, exoremos o perdão e invoquemos do Céu o seu socorro”.

Ponderemos bem as primeiras palavras desta última citação. Quedas graves, se não são acompanhadas de endurecimento no pecado, quer dizer, se não arrastam ao hábito de pecar, não sòmente não deixam vestígios depois de perdoadas, mas até não impedem que a alma se restabeleça imediatamente no terreno que havia alcançado na piedade. E' um tempo de demora, sem dúvida, um retrocesso, mas a absolvição ou a contrição perfeita neutralizam esta queda e reparam a lacuna.

— Mas, dir-me-ão, se o mal já fôr inveterado e se se houver atolado no pecado mortal?

— Nesse caso evidentemente, prolongando-se o tempo da parada e do retrocesso, serão maiores as perdas, mas não serão de todo irreparáveis. Com o perdão hão de reviver os méritos precedentes, porque assim o afirma a palavra sagrada: *“In iustitia quam operatus est vivet”* (Ez 18,22). Serão necessários, talvez, esforços mais generosos, a fim de paralisar os maus efeitos dos hábitos contraídos durante êsse tempo fatal; mas, se se cresce na confiança em Deus na proporção das necessidades criadas por êsse endurecimento no pecado, *“é fácil ao Senhor — diz a Escritura — o enriquecer de repente um pobre. Põe a tua confiança em Deus e conserva-te firme no teu pôsto”* (Ecli 11,22-23).

E' por isso que o nosso Santo conclui: “Não entremos por forma alguma em desconfianças; porque, bem que sejamos miseráveis, não o somos tanto quanto Deus

*) E' ótima ainda a observação do ilustre jesuíta R. Plus: “O pecado nunca é um obstáculo ao nosso amor a Deus, nem ao amor de Deus a nós, quando, entre nós e o nosso pecado, se interpõem o arrependimento e a confiança. Vêde Madalena. Em Betânia, o Mestre a reclama. Na Cruz, êle a quer aos seus pés. Depois da ressurreição, êle a quer ainda no primeiro grupo ao seu sepulcro. Desesperar depois disto?” (Vivre avec Dieu, p. 85).

é misericordioso para os que têm vontade de o amar e nêle puseram a sua esperança".

7. *Confiança inquebrantável em Deus.* — A verdade destes pensamentos há de sobressair melhor ainda, quando, na segunda parte do nosso livro, virmos o doutor da consolação servir-se da própria consciência das nossas faltas para redobrar a confiança na misericórdia divina. Bastam, porém, êstes excertos e considerações para fechar a porta à desesperança, em qualquer estado em que se ache a alma, para demonstrar que o receio inspirado pelo conhecimento da nossa fraqueza deve ser sempre temperado e dominado por uma confiança inabalável em Deus.

Insiste o nosso Santo particularmente na necessidade e maneira de conciliar estas duas disposições: "Devemos combater sempre entre o temor e a esperança, mas com o cuidado de sobrepor a esperança ao temor, considerando a onipotência daquele que é o nosso auxílio".

"*Fazei penitência*, diz S. João, quer dizer, abatei êses montes de orgulho, enchei êses vales de tibieza e pusilanimidade, *porque se aproxima o Salvador*" (Lc 3,4-6). Ora, os vales que o glorioso Santo quer que se preencham são o receio que, sendo demasiado, leva ao desânimo.

A consideração das grandes culpas cometidas traz consigo um certo horror, um espanto e receio que abate o coração, e êstes são os vales que é mister encher de confiança e esperança, para o advento de Nosso Senhor.

A santa penitente Tais, dirigindo-se um dia a S. Pafúncio, lhe disse: "Meu Pai, que devo fazer? A recordação da minha vida miserável me espanta e assombra!" Ela havia sido uma grande pecadora e estava cheia de medo por causa dos pecados cometidos. O bom Santo lhe respondeu: *Tremei, mas tende esperança!* Tremei com medo de vos tornardes soberba e orgulhosa; mas tende

esperança, a fim de não cairdes na desesperação e no desânimo. Porque o receio e a esperança nunca devem andar desacompanhados um do outro, de modo que, se o receio não fôr acompanhado da esperança, não é o receio, mas a desesperança, e a esperança sem receio é presunção. "*Omnis vallis implebitur*": urge, pois, enchemos de confiança e ao mesmo tempo de temor de Deus êses vales de desânimo, que o conhecimento dos pecados cometidos em nós produz".

Lembremos, ainda, por fim, estas consoladoras palavras do profeta, confirmando tão bem, na sua bela linguagem bíblica, os ensinamentos do nosso Santo animador por excelência: "Bem-aventurado o homem que confia no Senhor e de quem o Senhor é a esperança. Será como a árvore que é transplantada sôbre as águas, a qual estende as raízes para a humidade, e não temerá a secura, quando vier o calor. Será sempre verde a sua fôlha, e em tempo de sêca não terá mingua, nem jamais deixará de dar fruto" (Jer 17,7-8).

8. *Recorramos à Virgem Maria!* — S. Francisco de Sales, ainda depois da sua morte, como se quisesse continuar a guerra que durante a vida tinha feito à desesperação, arrancou ao próprio demônio uma confissão repleta de incitamento para as almas mais criminosas.

Touxeram para junto do túmulo do Santo Bispo de Genebra, no tempo em que se instituía o processo da sua beatificação, um jovem que, havia cinco anos, estava possesso do espírito maligno. Teve de se esperar a sua cura durante muitos dias, e entretanto foi êste desgraçado submetido ali, junto dos restos mortais do Santo, a um longo e repetido interrogatório, que lhe fizeram o bispo Charles Auguste de Sales e a Madre de Chaugy. Duma vez, como o demônio gritasse com mais furor e confusão, dizendo: "Para que hei de eu sair?!", a Madre Chaugy, com aquêlê calor que lhe era peculiar, exclamou:

mou: "O' Santa Mãe de Deus, rogai por nós! Maria! Mãe de Jesus, socorrei-nos!"

A estas palavras, o espírito infernal redobrou os seus horrendos gritos, bradando: "Maria! O' Maria! Ah! eu não tenho Maria!... Não profiras êste nome; êle me faz tremer! Ah! se tivesse Maria por mim, como vós a tendes, não seria o que sou!... Mas eu não tenho Maria!" Todos choravam. "Ah! continuou o demônio, se eu tivera um momento só daqueles que vós desperdiçais, sim, um só momento e Maria, eu não seria demônio!"

Pois bem. *Nós que vivemos* (Sl 113,18) temos o momento presente para voltar a Deus, e Maria para nos obter a sua graça. Quem, pois, há de desesperar?

PARTE II

APROVEITAMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

CAPITULO I

UTILIZEMO-NOS DAS NOSSAS FALTAS PARA NOS HUMILHAR CONHECENDO A NOSSA ABJEÇÃO

1. *Deus nos permite tirar o bem do mal.* — Não desanimemos, nem mesmo nos surpreendamos das nossas quedas; essas disposições são necessárias, ao mesmo tempo que eminentemente salutares. Todavia, não constituem senão a parte negativa da arte de utilizarmos as nossas próprias imperfeições. Abordemos agora o lado positivo e indagemos como, segundo a escola de S. Francisco de Sales, poderemos converter em proveito espiritual os pecados que cometermos, sem que elles percam alguma coisa da sua torpeza e da sua malícia.

E' claro que tal proveito não advém dos pecados considerados em si mesmos, mas sim da misericórdia divina e da graça de Cristo que, servindo-se das nossas iniquidades, sabe fazer refulgir a sua bondade e das nossas fraquezas tirar proveito para a nossa salvação. O adubo da terra é, sem dúvida, uma corrupção, uma putrefação, e, contudo, observa S. Bernardo, "o lavrador e o jardineiro aproveitam-no para a cultura das terras, a fim de obterem frutos mais perfeitos e abundantes. Por tal arte serve-se Deus das nossas imperfeições para que as nossas almas produzam copiosos frutos de virtude, e a sua bondade, que sabe sempre pôr ao serviço da beleza da ordem divina a nossa vontade e as ações desordenadas, digna-se mui-

tas vêzes também empregá-las em benefício nosso".¹

Este proveito será tanto mais considerável quanto, por um lado, mais vivamente detestarmos os nossos defeitos, e mais implacável guerra fizermos contra eles, e, por outro lado, quanto maior fôr a nossa fé nos desígnios de Deus e mais ativamente nos associarmos a êstes, crendo que só para o nosso bem é que Êle permite os nossos desacertos.

Temos de penetrar nos planos do Redentor, tais como a Igreja os patenteia, combatendo Satanás com as suas próprias armas, voltando contra êle os seus artificios e buscando remédio nos mesmos golpes que nos inflige.*

Dêste modo, por uma feliz experiência, vemos quanta verdade há nesta palavra de S. João Crisóstomo: "Muitas vêzes o demônio é-nos de grande utilidade; o preciso é fazê-lo servir ao nosso proveito. São inapreciáveis os benefícios que êle involuntariamente nos prestará".²

Resume-os S. Agostinho nestas palavras: "*Tudo contribui para o bem dos que amam a Deus*, diz êle, repetindo S. Paulo; tudo, até as quedas, *omnia, imo ipsi lapsus in peccata*; pois delas podemos levantar-nos mais humildes, cautos e fervorosos; *nam ex casu humiliiores, cautiores et ferventiores resurgunt*".³

E' o pensamento de S. Francisco de Sales: "Preciosas imperfeições! exclama êle; fazem-nos conhecer a nossa miséria, exercitam-nos na humildade, no desprezo de nós mesmos, na paciência e na diligência".⁴

*) "Hoc opus nostræ salutis
Ordo depoposcerat.
Multiformis proditoris
Ars ut artem falleret,
Et medelam ferret inde
Hostis unde læserat".

(Hino da Paixão).

2. *Progresso na humildade.* — Falemos, em primeiro lugar, das primeiras das três vantagens, que das nossas quedas podem resultar: a *humildade*; pois é a primeira que o bem-aventurado bispo de Genebra assinala juntamente com S. Agostinho.

"Digne-se o Espírito Santo inspirar-me o que eu tenho a escrever-lhe, minha senhora, ou, se lhe apraz, minha querida filha. Para viver constantemente na piedade, não há como infundir no espírito as máximas de grande alcance e valor.

A primeira, que eu desejo conserve gravada no espírito, é a de S. Paulo: "*Tudo reverte em benefício dos que amam a Deus*" (Rom 8,28). E, na verdade, já que Deus pode e sabe tirar o bem do mal, para quem há de Êle fazê-lo senão para aquêles que sem reserva se dão a Êle? Sim, até os pecados (dos quais Deus, por sua bondade, nos defende!) a Providência divina os faz servir à causa dos que lhe são dedicados. David não teria sido tão humilde se não tivesse pecado".⁵

"Deveis odiar os vossos defeitos... mas com um ódio sereno, encará-los com paciência e fazê-los servir para vos humilhades na estima de vós mesmos... Tiremos proveito duma santa humilhação em que a nós mesmos nos entregamos".⁶

3. *A humildade, fundamento de tôdas as virtudes, como o orgulho, princípio de todos os pecados.* — Se há no mundo um tormento para os corações santamente ambiciosos da sua perfeição, é sem dúvida o duplamente sentirem a necessidade da *humildade* e das dificuldades de sua aquisição. Duma parte, esta virtude, base e fundamento de tôdas as outras, é tão necessária nesta vida mortal, é a mãe, a raiz e a seiva alimentadora de todos os demais bens; e doutra parte, quando parece que no solo corrompido do fundo de nossa miséria devia ela germinar e florescer espontaneamente, é aí que se encontra, e com

mais fundas raízes do que as dela, o orgulho, "princípio do pecado" (Êx 10,15), a querer sem cessar abafá-la.

Nada pode exprimir a astúcia e a fôrça dêste demônio da soberba, nem a habilidade e a multiplicidade de suas indústrias.

Verdadeira serpente, nascida conosco, queria enlaçar nas suas rôscas e infectar com seu veneno as nossas mais santas ações como as mais indiferentes, os pensamentos mais secretos e as intenções mais puras. "Alimenta-se muitas vêzes das nossas virtudes e busca confiscar em seu proveito os mais delicados dons de Deus, no intento de com êles se cevar". Se parece dormir, é para melhor e mais à vontade desenrolar os seus anéis na nossa alma cheia de ilusões; se se mostra e se deixa ferir, é para triunfar à custa dos mesmos golpes que lhe damos. Finalmente, no dizer de S. Francisco de Sales, "o orgulho é um mal tão comum entre os homens, que nunca será demais que se lhes pregue e inculque a necessidade que todos têm de perseverar na prática da virtude santíssima e amabilíssima da humildade".⁹

4. *Nossas faltas, outras tantas janelas esclayecendo as nossas misérias.* — Contra tamanho inimigo duma virtude tão necessária, ninguém estará suficientemente armado e, já que não nos é dado exterminá-lo nesta vida, devemos, ao menos, conhecer àvidamente todos os meios de o enfraquecer e neutralizar-lhe as investidas. Ora, um dos mais eficazes dentre êsses meios é precisamente fornecido pelas nossas próprias faltas. À semelhança da mandíbula dessecada dum vil animal, a qual nas mãos de Sansão se transformou num engenho de morte contra os filisteus, podem também os nossos pecados, por mais hediondos que sejam, transformar-se numa potentíssima arma contra o orgulho e vir a ser, destarte, ensejo para operarmos a nossa salvação e perfeição.

Com efeito, se o orgulho provém duma estima e amor desordenado da nossa pretendida excelência, a humildade, diz o nosso amável Santo, essa vem do "conhecimento verdadeiro da abjeção própria voluntariamente reconhecida". E que há mais de molde a dar-nos êste reconhecimento voluntário do que a consideração dos nossos pecados? São êles, verdadeiramente, na engenhosa expressão do P. Álvarez, outras tantas janelas, pelas quais entra a luz a incidir com maior clarão sôbre a nossa miséria".¹⁰

Mais eficazmente do que as humilhações que nos vêm dos acontecimentos ou dos homens, as nossas quedas evidenciam e convencem de que as fôrças vivas mais íntimas da alma não valem nada. "E, diz S. Francisco de Sales, não nos faz preturbar êste conhecimento do nosso nada, antes torna-nos mansos, humildes e abate-nos a altivez; porque é o amor-próprio que nos faz impacientes ao vermo-nos vis e abjetos".¹¹

— Mas eu sou tão miserável, tão cheio de imperfeições!

— Conheces bem o teu estado? Pois bendize a Deus por te dar tal conhecimento, e não te lamentes tanto. És bem feliz em conhecer que és a miséria em pessoa".¹²

"Devemos confessar a verdade: somos umas pobres criaturas que não podem fazer bem algum".¹³

"Eu te digo que serás mais fiel se fores humilde.

— E eu serei humilde?

— Sim, se queres sê-lo.

— Mas eu quero.

— Pois então és.

— Mas eu conheço que não o sou.

— Tanto melhor, pois isso serve para o seres com mais firmeza".¹⁴

*) "O que pensam de mim?... Não sei. E pouco me importa! O que eu sou?... Ei-lo!... E o desprezo de nós mesmos ainda nos é difícil?!" (R. Plus, S J "Vivre avec Dieu", p. 81).

“As imperfeições que cometemos em tratar dos negócios, tanto interiores como exteriores, são um motivo eficaz de humildade, e a humildade produz e alimenta a generosidade”.¹³

Com efeito, como confiar em si e julgar-se alguma coisa, quando ao primeiro sôpro da tentação a derrota se verifica, quando vemos cederem as resoluções formadas e esvaírem-se como “uma centelha, como uma pouca de estôpa atirada à chama, *ut favilla stuppae... quasi scintilla*”? (Is 1,31).

Ah! como o orgulho se enfraquece naquele em quem uma queda mostra a realidade da sua miséria, e como então a humildade assenta melhor na verdade! Não se julga ouvir uma voz bradar: “*Recta iudicate!* Sejam retos os vossos juízos!”? (Sl 57,1). “Eis-vos pesados na balança, e viu-se que não tínheis o pêso que queríeis” (Dan 5,27). “Pensáveis que éreis mais, e eis que sois menos” (Ag 1,9).

5. *Três espécies de cajados.* — Tal é, segundo os Santos doutôres, o principal desígnio de Deus, permitindo os nossos pecados. “O Bom Pastor usa três espécies de cajados para com as suas ovelhas: um, de correção: as adversidades; outro, de provação: as tentações; o terceiro é um cajado de indignação, e êsse consiste em permitir que pequemos.

Sob o pêso de qualquer dêles, o homem é forçado a reconhecer o seu nada e humilhar-se; mas nunca melhor o faz do que quando está sob o jugo do terceiro; pois é na observação das suas quedas que êle vê realmente a sua miséria, no dizer de Jeremias: “Eu sou um homem que vejo a minha indigência sob a vara da indignação do Senhor” (Lam 3,1).

Êste cajado é tão salutar que Deus não hesita em empregá-lo ainda com os seus melhores amigos. Como a sua humildade encontra nas próprias virtudes o mais temí-

vel escolho, deixa-os Deus às vêzes cair em imperfeições ou lhes permite que as suas antigas inclinações más levantem de súbito a cabeça, para lhes fazer ver pela experiência da sua fragilidade que não podem contar com as suas fôrças”.¹⁴

“Permite Nosso Senhor, continua o nosso Santo, que nestes pequenos encontros fiquemos por baixo, para que nos humilhemos e saibamos que, se vencemos certas tentações maiores, não foi por nossas fôrças, mas pela assistência da sua divina bondade”.¹⁵

“Tende paciência... Se Deus vos deixar tropeçar, será para vos fazer conhecer que, se Êle vos não amparasse, cairíeis redondamente”.¹⁶

6. *A humildade se alimenta dos sofrimentos causados pelas imperfeições.* — “Curou Deus a alguns de repente, sem lhes deixar vestígios das enfermidades passadas, como o fêz a respeito de Madalena, a qual, em um instante, de um enxurro d’água corrompida, foi transformada em fonte d’água perfeita e límpida, e nunca mais, desde aquêle momento, foi turbada. Mas também êste mesmo Deus deixou em muitos de seus caros discípulos não poucos vestígios de más inclinações algum tempo depois de convertidos, para a maior utilidade dêles, como testemunha S. Pedro, o qual, depois da sua primeira vocação, muitas vêzes tropeçou em imperfeições e até uma vez caiu de todo e tão miseravelmente, quando negou o seu divino Mestre.

Diz Salomão que *é insolente uma escrava que de súbito se faz senhora de casa* (Prov 30,23). Se a alma, que por muito tempo foi escrava das paixões, se tornasse de um momento para outro perfeita senhora de si mesma, correria o perigo de se tornar orgulhosa e vaidosa. Há de ser pouco a pouco, palmo a palmo, que devemos adquirir êste domínio, em cuja conquista os santos e santas gastaram muitas dezenas de anos”.¹⁷

"Ficai em paz e suportai com paciência as vossa pequenas misérias. Sois de Deus sem reserva; Ele vos conduzirá bem. Se vos não livra tão depressa de vossas imperfeições, é para o fazer com mais utilidade para vós e exercitar-vos por mais tempo na humildade, a fim de que fique esta querida virtude bem arraigada em vossa alma".

Sabeis que já muitas vezes vos disse que devíeis ser igualmente afeiçoados à prática da fidelidade para com Deus e à humildade; da fidelidade, para renovardes as resoluções de servir à bondade divina tantas vezes quantas as violardes, apesar de toda a vossa cautela em não as transgredir; da humildade, para, no caso de as violardes, reconhecerdes a vossa miséria e abjeção".

"Aquêles que aspiram a ter um amor puro a Deus não têm tanta necessidade da paciência para com os outros quanto consigo mesmos. Para sermos perfeitos, precisamos suportar as nossas próprias imperfeições. Eu digo *suportar com paciência e não amar e nem acariciar*. Dêste sentimento é que se alimenta a humildade".

7. *Certos pecados menos graves que o orgulho servem para curá-lo.* — Ponderemos bem. A doutrina do nosso Santo, como a dos outros doutôres, não é aplicável somente a faltas leves. S. Isidoro²² e S. Tomás²³ afirmam que, para punir o orgulho, permite Deus algumas vezes quedas graves em pecados hediondos.

Como êstes pecados não são tão graves como a soberba, serve-se delas a divina Misericórdia, dizem êles, para assustar, abalar e reconduzir a si a alma orgulhosa: "*ut per hanc humiliatus a confusione exurgat*", à semelhança do médico hábil que, para curar uma enfermidade mais séria, deixa que o seu doente se debata nos braços dum mal quiçá mais doloroso, porém menos perigoso.

A êste propósito escreveu excelentemente o célebre publicista moderno Luís Veuillot: "É uma graça feita à

miséria do homem o resvalar êle quando passos mais firmes podiam levá-lo aos funestos excessos do orgulho".

Faz S. João Crisóstomo reflexões análogas: "Deus permite às vezes que os pecados das almas nobres e generosas sejam conhecidos. Havia-se introduzido nelas a vaidade das intenções, e por isso quer o Senhor por meio das suas faltas despojá-las dessa glória popular por amor da qual arrostaram com os perigos de toda espécie, e, mostrando-lha efêmera como a flor dos campos, leva-as a consagrar-se a Ele sem reserva e a considerá-lo como o único fim de todas as suas ações".

E, depois de citar ilustres penitentes, a quem a meditação sobre os benefícios de Deus e a consciência de ligeiras imperfeições enchiam de compunção, o Santo bispo de Constantinopla acrescenta: "Para nós, são insuficientes êstes remédios. Para triunfar do orgulho carecemos outra força, e qual? A multidão de nossos pecados e a perversidade da nossa consciência que, achando pouco ternos afundado em mil torpezas, ousa ainda deixar que nos enchamos de orgulho".

Falam a mesma linguagem muitos outros Padres da Igreja. S. Agostinho se abalança a dizer: "De preferência vê Deus más ações acompanhadas de humildade, do que obras boas inquinadas de orgulho". S. Gregório de Nissa: "Um carro cheio de boas obras, conduzido pelo orgulho, leva ao inferno; conduzido pela humildade, um carro cheio de pecados leva ao paraíso". "Sucede às vezes, diz S. Gregório Magno, que aquêles que se vê coberto de muitas manchas aos olhos de Deus é todavia mais ricamente adornado com o vestido duma humildade mais profunda".

S. Bernardo termina assim uma magnífica apologia da virgindade e da humildade: "O pecador que, para ir nos passos do Cordeiro, segue as sendas da humildade, trilha um caminho mais seguro do que o homem que, na

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Foto de p\341gina inteira)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).